



AGOSTINHO E A CIDADE DE DEUS: uma análise do contexto histórico na construção da apologética cristã

Gabriela Magna Carvalho Dinato (IC) e Gerson Leite de Moraes (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A queda de Roma foi um evento histórico de grande impacto que gerou diversas interpretações religiosas e filosóficas. O cristianismo, que se tornava cada vez mais influente em Roma, foi acusado por alguns de ter enfraquecido a civilização com suas ideias pacifistas. Enquanto alguns cristãos viam a queda de Roma como um castigo divino por pecados, outros, como Agostinho de Hipona, a interpretaram como parte de um plano divino. A partir disso, Agostinho escreve sua obra "A Cidade de Deus", na qual argumenta que a verdadeira cidade divina está no reino celestial e não na Terra. Sendo assim, ele critica a ideia de que a queda de Roma se deveu ao abandono dos deuses pagãos, apontando a decadência moral e a idolatria como causas do colapso. Ele desenvolve a teoria das duas cidades: a "Cidade de Deus", que busca valores espirituais e a "Cidade Terrena", dominada por valores materiais e seculares. Deste modo, argumenta que a história humana é guiada por um propósito divino e que as tribulações são oportunidades para a correção e a redenção.

Palavras-chave: Roma, cristianismo, Cidade

ABSTRACT

The fall of Rome was a historical event of great impact that generated various religious and philosophical interpretations. Christianity, which was becoming increasingly influential in Rome, was accused by some of having weakened civilization with its pacifist ideas. While some Christians saw the fall of Rome as divine punishment for sins, others, like Augustine of Hippo, interpreted it as part of a divine plan. From this perspective, Augustine wrote his work "The City of God," in which he argues that the true divine city is in the heavenly realm and not on Earth. Thus, he criticizes the idea that the fall of Rome was due to the abandonment of pagan gods, pointing to moral decay and idolatry as the causes of the collapse. He develops the theory of the two cities: the "City of God," which seeks spiritual values, and the "Earthly City," dominated by material and secular values. In this way, he argues that human history is guided by a divine purpose and that tribulations are opportunities for correction and redemption.

Keywords: Rome, christianity, city



1. INTRODUÇÃO

Santo Agostinho, com sua notável erudição, foi um filósofo, escritor, bispo e importante teólogo que viveu na Idade Média. Suas ideias reverberam até os dias de hoje. Durante o período das invasões bárbaras, sua construção apologética, concebeu respostas às indagações que poderiam afastar o homem de Deus. Deste modo, a fé obteve sólido amparo, tendo em vista que nesta época a cultura helenística - fundamentada no pensamento grego - havia entrado em decadência enquanto a nova religião galgava crescente sequência de devotos. Exemplo disso é o livro *A Cidade de Deus*, no qual o autor propõe a criação de duas realidades distintas: *A Cidade de Deus* e *a Cidade dos Homens*.

Em primazia, é importante ressaltar que o autor aborda a temática em uma dimensão alegórica: de um lado estão aqueles que amam a Deus e reverenciam o afeto mútuo, enquanto de outro encontram-se os que amam as coisas efêmeras e atendem aos desejos enganosos da carne.

Como observa-se em:

É desta Cidade da Terra que surgem os inimigos dos quais tem que ser defendida *A Cidade de Deus*. Muitos deles, afastando-se dos seus erros de impiedade, tornaram-se cidadãos bastante idôneos da *Cidade de Deus*. Mas muitos outros ardem em tamanho ódio contra ela e são tão ingratos aos manifestos benefícios do Redentor, que hoje não moveriam contra Ele a sua língua senão porque encontraram nos seus lugares sagrados, ao fugirem das armas inimigas, a salvação da vida de que agora tanto se orgulham. Não são na verdade estes romanos encarniçados contra o nome de Cristo aqueles a quem os bárbaros pouparam a vida por amor de Cristo. (AGOSTINHO, 1996, p.99)

Ademais, para uma compreensão da obra é necessário a busca pelo significado da mensagem deixada pelo autor e os objetivos destinados ao leitor como defendido pela historiadora Sandra Pesavento: “Mas há ainda um público, ouvinte e leitor para a narrativa historiográfica, a quem se busca convencer, seduzir, provar. Esse público deve ser convencido de que o historiador lhe oferece a verdade do acontecido.” (PESAVENTO, 2014, p.51)

Assim sendo, vale-se o estudo do panorama histórico em que este pensador esteve inserido, tendo em vista que os costumes, cultura e etnias são alguns dos aspectos fundamentais para se ter uma interpretação do texto.

Outro detalhe importante é a influência sofrida por Agostinho de outros autores de sua época, a ponto de lhe proporcionar reflexões, inspiração filosófica ou mesmo de lhe



permitir direcionar sua vida, sendo esses: Cícero, Maniqueu, através do maniqueísmo, Plotino e Santo Ambrósio.

Às mãos de Agostinho, que teria então uns dezenove anos, veio parar, não se sabe como, o Hortênsio de Cícero, [...], o livro exerceu sobre Agostinho influência benéfica na medida em que lhe chamou a atenção para assuntos tão sérios e que de tão perto tocam a essência e destino do homem como a imortalidade da alma. [...] Sem pé em terreno firme, sentindo-se afundar nas águas revoltas de mil ideias inconsistentes, apareceram no seu caminho os Maniqueus, atribuindo-se, na busca da verdade, uma posição racionalista que muito era do agrado de um espírito em busca de certezas como o de Agostinho. (PEREIRA, 1996, pp. 20-21)

Portanto, com intuito de propiciar uma abordagem significativa do livro *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho é que se faz necessário o estudo da convergência entre fatores externos - acontecimentos históricos, correntes ideológicas e filosóficas da época - com os fatores pessoais - religião, doutrina e fé - durante a produção da obra, ao que se seguirá a apologética adotada por ele.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Biografia

Aurelius Augustinus nasceu em Tagaste, na província da Numídia (atual Suk Ahras, Argélia), norte da África, em 13 de novembro de 354. A cidade não se distinguia da zona rural, era da terra que os lavradores tiravam seu sustento e os prazeres da vida. Entretanto, Agostinho fez parte da minoria que não tinha contato direto com a terra, apaixonado pelo conhecimento, ele decidiu que seria professor, tendo, portanto, sua trajetória voltada para as obras do intelecto, fruto da educação clássica. (BROWN, 2005, p.27)

Filho de Mônica e Patrício, Santo Agostinho cresceu em um ambiente de instruções e convicções de valor conflitantes. Sua mãe, católica e temente a Deus, influenciou sua inclinação espiritual com seu temperamento sereno. Por outro lado, seu pai, pagão e de costumes depravados, foi um grande estímulo para sua vida acadêmica, apesar de sua natureza colérica. (PEREIRA, 1996, p.10)

A dualidade de valores de seus pais foi refletida na vida do autor que oscilou durante um bom tempo entre duas personalidades: um pecador e sensual a um homem espiritual e cristão. No extremo religioso há o resultado das orações persistentes de Mônica que não se cansou de pedir pela conversão do filho.

O Santo de Hipona iniciou a educação primária por volta dos sete anos em sua terra natal, mas não gostava da escola devido ao autoritarismo do mestre-escola. Após terminar os estudos em Tagaste, com cerca de onze anos, o filho de Mônica foi enviado para



Madoura, conhecido por ser um centro intelectual de aristocracia pagã. O jovem Agostinho deixou-se envolver por jogos de azar, cavalgadas e amizades libertinas.

Aos 16 anos, foi para Cartago onde ficou hospedado na casa de Romanino, o mecenas da família e melhor amigo de seu pai. Mais uma vez, o futuro pensador se encontra envolto por um mundo de prazeres e idolatria. Deste modo, entregou-se desenfreadamente ao que a carne inclinava a fazer.

Vim para Cartago. De todos os lados, ferviam criminosos amores. Ainda não amava e já gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta, enraivecía-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor [...]. Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Desse modo, manchava, com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria. (AGOSTINHO, 2019, p.1)

Posteriormente, pouco depois de ter chegado a Cartago, antes dos 20 anos, perdeu seu pai, Patrício. Com isso, mergulhou em um mar de inconstâncias emocionais, dúvidas e iniciou-se uma busca constante pela felicidade, buscando saber como o ser humano poderia alcançá-la.

Nesse período leu a obra "Hortensius" de Cícero, na qual o autor atribui à filosofia o caminho de acesso à felicidade, além do desprezo às vaidades e busca pelas virtudes. Assim, Agostinho relembrou os conceitos do cristianismo a respeito da imortalidade da alma.

No decurso de estudos comuns, encontrei certo livro de Cícero, cujo discurso tinha a admiração de quase todos, diferente de seu coração. O livro é uma exortação à Filosofia e chama-se "Hortênsio". Este livro alterou meus sentimentos e direcionou minhas orações para Ti, ó Senhor; fez-me ter outros desejos e propósitos. Cada esperança vazia de repente tornou-se indigna de mim; ansiei ardentemente por uma imortalidade de sabedoria e comecei a emergir, retornando para Ti. Já não era com o intuito de afiar minha língua que utilizava aquele livro (aos dezenove anos, época em que minha mãe provia o dinheiro para meus estudos de Retórica, dois anos após a morte de meu pai), pois o que infundiu no meu coração não fora o estilo, mas o conteúdo. (AGOSTINHO, 2019, p.46)

Em busca da sabedoria, encontrou as teorias do filósofo Platão, as quais estabelecem que no interior do homem reside a verdade absoluta, haja vista que o Mundo das Ideias (intelecto, subjetivo) possuiria o conhecimento perfeito e o mundo sensível (objetivo, palpável) seria apenas uma sombra da verdade. Portanto, Agostinho passou a buscar o divino em seu interior.

Esta atitude, entretanto, era antagônica ao cristianismo, doutrina na qual foi instruído pela mãe, já que esta alega a necessidade de um mediador entre Deus e os homens, enquanto o platonismo considera Jesus como apenas um sábio.

Pouco tempo depois, Agostinho percebeu que era incapaz de alcançar a santidade com seus próprios esforços. Desiludido por suas vãs tentativas, assumiu que embora alguns



pontos da filosofia Platônica se assemelham ao cristianismo, ela falhava em um aspecto fundamental: a autossuficiência do homem. Deste modo, com base em sua experiência, pode-se alegar que é necessário ao homem deixar sua ignorância e reconhecer a necessidade de um auxiliador: Jesus.

A partir de então, encontrou nas cartas do Apóstolo Paulo, aquilo que o homem não podia fazer por si só, o plano perfeito que restaura a criação do poder das trevas e do pecado, conforme Romanos 6:14-18.

Outra doutrina a qual Agostinho se envolveu foi o maniqueísmo, devido à sua luta para subjugar seus maus desejos e obedecer a Deus. Seu espírito filosófico e questionador mais uma vez o influenciou a buscar respostas racionais a respeito da origem de seus maus desejos. Por esse motivo, adentrou os caminhos maniqueus cuja doutrina, em suma, era o dualismo, isto é, a existência de uma luta entre o Reino da Luz e o Reino das Sombras. A respeito de suas motivações para aderir a religião ele afirma: “(...) o nome de Cristo, a racionalidade e a formação em lugar de uma fé baseada simplesmente na autoridade da Igreja (...)” (DROBNER 2003, p. 401).

Ademais, vale-se destacar que esta filosofia foi fundada por Maniqueu, o qual se auto proclamava descendente de uma linhagem de profetas como Buda, Zoroastro e Jesus. Seu desígnio primordial era instituir uma religião universal capaz de conciliar elementos do zoroastrismo, budismo e cristianismo.

Segundo os princípios desta religião, para alcançar a salvação, o indivíduo deve empreender um processo espiritual que envolve: a busca pela gnose (conhecimento da verdade espiritual), que permite à alma se libertar da prisão do mundo material e retornar à sua essência divina, a abstinência de prazeres mundanos e a purificação da alma através da renúncia aos desejos materiais, combater o mal através de ações virtuosas.

Deixou-se, então, seduzir pelas doutrinas dos maniqueus, que afirmavam a existência absoluta de dois princípios, o bem e o mal, a luz e as trevas. Esperou ansiosamente pela visita de Fausto, um dos chefes da seita e homem louvado por sua alta sabedoria. O encontro, no entanto, foi decepcionante do ponto de vista das indagações intelectuais do discípulo, muito embora reconhecesse a simpatia e a capacidade de convencer do mestre, além de sua sinceridade. (PESSANHA, 1980, p.6)

Entretanto, a aversão de Agostinho se dá por concluir que o mal não é um ser, como defendido pelos maniqueus, mas um não ser. O mal é apenas a ausência do bem, sendo assim, não possui uma existência própria. Como as trevas que consistem na ausência de luz. Portanto, tudo aquilo que se afasta de Deus em sua santidade, bondade e luz se torna impuro, mal e trevas.



Durante esse período, nosso autor alternou entre o magistério, inaugurando uma escola em Tagaste e sendo professor de retórica em Cartago. Em 382, mudou-se para Roma em busca de melhores oportunidades, mas suas expectativas foram frustradas devido a doença grave e alunos que abandonaram as aulas. Desanimado pelos conflitos e desafios profissionais, sua vida mudou significativamente quando se mudou para Milão.

2.1.1 Consumo da fé

Sob a designação de Símaco, prefeito de Roma, Agostinho tornou-se professor de retórica em Milão, onde proferia discursos oficiais enaltecendo o imperador e promovendo os projetos da corte, desempenhando assim o papel de "Ministro da Propaganda". Durante sua estada em Milão, ele entrou em contato com o círculo neoplatônico - o neoplatonismo era uma corrente filosófica que buscava sintetizar elementos do pensamento de Platão com ideias orientais e místicas, enfatizando a busca pela verdade suprema e a transcendência espiritual - e estudou obras de filósofos como Plotino e Porfírio. Além disso, Agostinho teve discussões filosóficas e teológicas com o bispo Santo Ambrósio. Essa interação levou Agostinho a explorar questões fundamentais sobre o mal, a existência de Deus e a relação entre o mundo material e o espiritual. (MATTHEWS, 2007, p. 24)

Em Milão, por volta do ano 386, Agostinho teve uma mudança decisiva ao ouvir os sermões revolucionários de Ambrósio. Anteriormente exposto principalmente ao materialismo, Ambrósio destacava o aspecto espiritual das coisas. Enquanto Agostinho havia encontrado filosofias materialistas, Ambrósio enfatizava a necessidade de afastar-se do mundano para alcançar a pureza espiritual, descrevendo o corpo físico como "vestes esfarrapadas".

“Ao chegar a Milão, visitei o bispo Ambrósio, que tinha fama de ser um dos melhores oradores de todo o mundo; era um homem piedoso, que em seus sermões e discursos ensinava ao povo a doutrina católica com todo o cuidado.” (AGOSTINHO, 2018, p.117)

Agostinho teve a oportunidade de conversar pessoalmente com Ambrósio, o que permitiu que ele esclarecesse suas dúvidas e recebesse orientação espiritual. Essas discussões e o exemplo de vida virtuosa de Ambrósio inspiraram Agostinho a considerar o compromisso com o cristianismo de maneira mais profunda.

Santo Agostinho descreveu sua conversão como uma experiência de iluminação profunda que ocorreu nos jardins de Milão. Imerso em reflexão, ele ouviu uma voz interior que o instigou a "pegar e ler" as Escrituras. Esse momento marcante é detalhado em sua obra "Confissões", onde compartilha sua jornada espiritual. Enquanto refletia nos jardins, ouviu o som de crianças repetindo as palavras "tolle, lege" (pega e lê), interpretado por ele



como um chamado divino. Agostinho pegou uma cópia das Escrituras e, ao abri-la aleatoriamente, deparou-se com um trecho de Romanos 13:13-14.

As palavras que leu nesse momento profundo diziam: "Não vivam em orgias e bebedeiras, em imoralidade sexual e depravação, em brigas e inveja. Pelo contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne."

"Não quis ler mais. Também não era necessário, pois quando terminei de ler esse parágrafo, dissipou-se toda a escuridão das minhas dúvidas, como se uma luz fortíssima me tivesse inundado o coração." (AGOSTINHO, 2018, p. 202)

Essa passagem teve um impacto profundo em Agostinho, interpretada como uma mensagem direta de Deus que o chamava para abandonar seu estilo de vida pecaminoso e abraçar fervorosamente a fé em Jesus Cristo. Por isso, ficou convencido a selar esse novo capítulo de sua vida, batizando-se na Páscoa, em Milão, no ano 387 e por Ambrósio.

Após seu batismo, Agostinho retornou a Tagaste, onde junto com amigos estabeleceu uma comunidade monástica dedicada à oração, estudo das Escrituras e austeridade. Influenciado pela tradição monástica, eventualmente foi ordenado sacerdote e mais tarde tornou-se bispo de Hipona, na África.

É crucial enfatizar que a conversão de Agostinho transcende a singularidade de seu batismo ou de um único evento; é um processo que se desdobrou desde o momento em que ele teve seu primeiro contato com a obra "Hortensius".

Sustentar, como se pretendeu, que Agostinho ainda não era um cristão é ir contra todos os textos e, sob o pretexto do espírito crítico, arruinar o método histórico; imaginar que, a partir desse momento, sua conversão estava perfeita e acabada, seria menosprezar o caráter que Agostinho sempre atribuiu à sua conversão. Para ele, ela jamais consistiu num ato instantâneo; ela foi um movimento contínuo que começara com a leitura do Hortensius, prolongou-se através da descoberta do sentido espiritual da Escritura e alcançou o ato de fé na Igreja do Cristo, em que acabamos de chegar. (GILSON, 2007, p. 442)

2.2 Caos e Reflexão

"A Cidade de Deus" de Santo Agostinho foi produzida em um contexto histórico turbulento do Império Romano e da Igreja Cristã. As reflexões do autor sobre sociedade, política, história e espiritualidade refletem as complexidades da época.

Ao usar o saque de Roma como um exemplo, Agostinho ilustra a efemeridade do poder terreno. Sua argumentação ressalta a natureza transitória da cidade terrena, sujeita a mudanças e eventual destruição, contrastando com a eternidade da cidade celestial. (GUERRAS; CRUZ, 1995, p. 123)



A complexidade da providência divina diante de eventos históricos é outro ponto explorado por Agostinho. Ele busca compreender como Deus atua na história e como eventos aparentemente trágicos podem estar alinhados com o plano divino.

Faz-se importante ressaltar que a obra vai além de uma mera análise dos eventos históricos, pois constitui uma reflexão profunda de natureza filosófica e teológica.

2.3 Contexto histórico do Saque de 410 e reviravoltas na Cidade Eterna

2.3.1 Povos Germânicos

Durante a Antiguidade e a Idade Média, vários grupos étnicos foram rotulados como "bárbaros" devido a diferenças culturais, linguísticas e, em alguns casos, conflitos militares. Alguns desses grupos incluíam os germânicos, hunos, celtas, eslavos, magiares, sarracenos, mongóis e nórdicos (vikings). O termo "bárbaro" era subjetivo e frequentemente usado por povos considerados mais civilizados para descrever aqueles percebidos como culturalmente diferentes. A visão de um grupo como "bárbaro" refletia as atitudes culturais e políticas da época. (MONTAIGNE, 1972, p. 104).

Inicialmente, os germânicos estabeleceram relações comerciais com os romanos, trocando produtos do norte da Europa por bens romanos e muitas vezes sendo admitidos no império como refugiados ou federados, fornecendo serviço militar em troca de terras ou proteção.

(...) Diferentemente da historiografia tradicional, os "bárbaros", do outro lado do limes, nem sempre foram violentos, nem tão "bárbaros", como se pode entender correntemente por esta palavra, carregada de sentido pejorativo. Eles não se propunham destruir o Império. Antes, pelo contrário, o respeitaram, estabeleceram pactos de federação, se integraram primeiro no exército e depois na totalidade da vida no Império. (GUERRAS, SONSOLES, 1994, p. 79).

Os "foederati", guerreiros germânicos recrutados pelos romanos, fortaleceram a presença germânica nas legiões romanas. Durante os séculos I a IV, as atividades econômicas e as alianças tribais germânicas cresceram, fortalecendo sua capacidade militar.

Como resultado dessa hospitalidade oferecida por Roma aos "bárbaros", surgem, no século IV, os chamados "pactos de federação". Esses pactos representam uma espécie de garantia de que os acordos diplomáticos estabelecidos entre o Império e os povos germânicos seriam cumpridos. O estatuto de federação do Império Romano era algo tão importante que muitos povos germânicos usavam de estratégias políticas ou militares para conseguir de Roma sua aprovação como federados (foederati). (FIGUEIRA, 2010, p.127)



No século IV, as migrações em massa de tribos germânicas foram impulsionadas pela pressão dos hunos, levando muitas delas a buscar refúgio dentro do Império Romano. Os visigodos, liderados por Fritigerno, migraram em direção a Roma em 376 d.C., recebendo permissão do imperador Valente. No entanto, a chegada dos godos sobrecarregou as províncias romanas, levando à escassez e à revolta contra o governo imperial.

2.3.2 O Saque de Roma Ocidental (410)

Após a morte de Fritigerno por volta de 382, Teodósio I nomeou o líder visigodo, Alarico, como mestre dos soldados (*magister militum*) na Ilíria. Essa nomeação significou uma estratégia de cooperação entre os romanos e os visigodos, possivelmente destinada a garantir a lealdade dos visigodos e utilizá-los como aliados no controle da fronteira danubiana contra ameaças de outros grupos bárbaros. (GUERRAS, 1991, p. 47).

No entanto, as relações não foram completamente harmoniosas como planejado. Alarico que havia servido no exército romano, acumulou insatisfação devido à discriminação e falta de reconhecimento por seus serviços. Antes do saque, ele buscou negociações com o Império Romano, buscando terras e um status mais elevado para os visigodos. No entanto, as negociações não foram bem-sucedidas (BROWN, 1972, p. 130). Insatisfeito com o desenrolar das negociações, Alarico e os visigodos invadiram a Itália em 409. Depois de uma série de eventos e negociações mal-sucedidas, Alarico e os visigodos finalmente saquearam Roma em agosto de 410 (GUERRAS; CRUZ, 1995, p.123). O saque de Roma foi um choque para o mundo romano, pois a cidade não havia sido saqueada por um inimigo externo em quase 800 anos. Isso marcou um ponto de virada no declínio do Império Romano do Ocidente, simbolizando sua crescente vulnerabilidade.

2.4 A reflexão profunda contida na obra de Santo Agostinho.

A queda de Roma foi um evento de grande magnitude na história e provocou interpretações e análises profundas em âmbitos religiosos e filosóficos. Diversas perspectivas surgiram em resposta a esse acontecimento crucial. Dito isto, o cristianismo desempenhou um papel significativo na interpretação da queda de Roma, pois alguns argumentaram que suas ideias pacifistas da religião enfraqueceram o exército.

Todos, cristãos e não cristãos, acusavam o Cristianismo: o Deus do amor e da caridade não serve para institucionalizar, isto é, organizar e defender uma civilização e uma cultura. 410 é a demonstração prática da fraqueza política do Deus dos cristãos. (LEÃO, 2002. p. 17)



Em contrapartida, alguns dos cristãos viam essa queda como uma manifestação da vontade divina, possivelmente um castigo pelos pecados e pela decadência. Outros enxergavam essa queda como uma oportunidade para estabelecer uma nova ordem moral e religiosa. Agostinho de Hipona, considerou a queda de Roma como parte do plano divino e argumentou que a verdadeira Cidade de Deus estava no reino celestial, não na Terra.

Objetivando defender sua fé e dos demais crentes, A "Cidade de Deus" é uma vasta obra teológica e filosófica composta por vinte e dois livros, nos quais Agostinho busca refutar a ideia de que a queda de Roma foi causada pelo abandono dos deuses pagãos em favor do cristianismo.

A imensa obra histórica de Santo Agostinho, seu *De Civitate Dei*, tem por objeto, precisamente, reconstruir em traços gerais essa teologia da história, para a qual todos os acontecimentos marcantes da história universal são momentos na consumação do plano previsto por Deus. (GILSON, 1995, p. 167)

Divergindo de perspectivas fatalistas da história, o Doutor da graça destaca a teleologia e a providência divina como forças orientadoras. Sua argumentação ressalta que a história não é meramente um encadeamento de eventos aleatórios, mas sim direcionada por um propósito superior, submetendo os acontecimentos temporais a um desígnio eterno de Deus. Ele sugere que tais eventos podem servir como instrumentos de correção, redenção ou purificação para o povo de Deus e para a humanidade em geral.

Para entender a abordagem historiográfica de Santo Agostinho sobre o ataque em Roma na obra "Cidade de Deus", é necessário compreender que na época em que escreveu o cristianismo estava se tornando cada vez mais influente em Roma. Agostinho interpretou esse crescimento como um sinal da presença da Cidade de Deus na cidade terrena. Ele acreditava que o cristianismo oferecia uma visão de vida mais elevada e uma compreensão mais profunda da verdade e da salvação. Agostinho defendeu a importância de viver uma vida de fé cristã e buscar a união com Deus através dos sacramentos e dos ensinamentos da Igreja.

Agostinho também enfrentou o desafio do paganismo persistente e das heresias cristãs que surgiram em seu tempo. Ele interpretou esses desdobramentos como obstáculos à busca da verdadeira felicidade e salvação. Agostinho defendeu a importância de defender a verdade cristã contra essas influências negativas e de buscar a clareza e a ortodoxia em sua própria teologia.

Agostinho argumenta que o ataque em Roma não deve ser atribuído aos deuses pagãos, como acreditavam muitos romanos na época, mas sim à decadência moral e à idolatria do Império Romano.



Para Agostinho, atribuir o ataque em Roma aos deuses pagãos seria uma forma de idolatria e uma negação da supremacia do Deus cristão. Ele argumenta que os deuses pagãos são criações humanas e não têm poder real sobre o mundo. Portanto, não faz sentido atribuir a eles a responsabilidade por eventos históricos como o ataque em Roma.

Assim, o Bispo de Hipona articula a ideia de que a teleologia divina molda os eventos históricos, conferindo-lhes significado e direção. Nessa perspectiva, as tribulações não são meros infortúnios, mas parte integrante de um plano divino que visa orientar a humanidade em direção à busca da Cidade de Deus.

Os primeiros dez livros de "A Cidade de Deus" inauguram uma resposta elaborada pelo autor às críticas pagãs acerca do saque de Roma pelos bárbaros. Nessa abertura, Agostinho sustenta que a decadência de Roma não deve ser imputada aos cristãos, mas sim às imperfeições inerentes ao mundo terreno e à busca desordenada por prazeres temporais.

Agora, conforme a ordem anunciada, há, portanto, que refutar e instruir aqueles que pretendem que se devem adorar os deuses gentílicos derribados pela religião cristã, não por causa da vida presente mas antes pela que há-de vir depois da morte. Apraz-me tomar como exórdio à minha discussão o verídico oráculo do santo salmo: Feliz aquele que depositou no Senhor a sua esperança e não se detém a olhar para vaidades ou loucas mentiras (AGOSTINHO, 1996, p. 553)

Buscando ser um historiador e defender sua fé com a apologética, o autor empreende uma revisão abrangente da história, desde os primórdios com Adão até os eventos contemporâneos de sua época, proporcionando uma visão ampla da teologia cristã e da condição humana (BROWN, 2005, p.391). Utilizando a narrativa da queda de Adão como um paradigma ilustrativo, Agostinho destaca a propensão humana ao pecado e à desordem moral, conectando esse estado de imperfeição à trajetória histórica.

Contudo, sua abordagem ressalta a importância de interpretar as vicissitudes históricas, como o saque de Roma, não apenas em termos políticos ou sociais, mas à luz da condição humana afetada pelo pecado original. Ao abraçar a narrativa da queda como um ponto de partida, Agostinho tece uma análise que transcende o contexto imediato, estabelecendo conexões entre eventos históricos e a natureza pecaminosa da humanidade. Isso proporciona não apenas uma compreensão histórica mais profunda, mas também uma perspectiva teológica que permeia toda a narrativa, unindo a história ao drama da condição humana.

Dentro deste contexto e fundamentado na Sagrada Escritura, ele descreve a origem comum das duas Cidades ou sociedades que peregrinam no tempo, remontando ao livro do Gênesis: Adão, sendo o pai de ambas, torna-se o ponto de partida dessa narrativa. A divisão



entre as duas cidades é traçada até mesmo nos primeiros filhos de Adão, Abel e Caim. O trágico episódio em que Caim, movido pela inveja, se rebela contra seu irmão, tirando-lhe a vida, serve como um exemplo emblemático das tensões que permeiam a condição humana desde os primórdios. (GILSON, 1965, pp.51-52; HAMMAN, 1989, p. 307).

(...) através de tantos anos como os que se viviam naquela primeira fase deste século, não puderam nascer muitíssimos homens que, reunidos, fundariam inúmeras cidades? Mas pertence a Deus, inspirador destas narrativas, repartir e distinguir desde a origem as duas sociedades com as suas próprias gerações: — duma parte as dos homens, isto é, dos que vivem como aos homens apraz; — doutra parte as dos filhos de Deus, isto é, dos homens que vivem com o a Deus apraz. Estas gerações refere-as a Escritura até ao Dilúvio. E refere então a separação e a confusão das duas cidades: a separação, ao mencionar à parte as suas gerações, provenientes umas de Caim , o fratricida, e as outras de seu irmão Set, também nascido de Adão em vez do que foi morto pelo irmão; — a confusão, quando os bons se inclinaram para pior e se tornaram todos tais que foram destruídos pelo Dilúvio, à exceção de um justo chamado Noé, com sua esposa, seus três filhos e suas três noras — oito pessoas que foram dignas de escapar na arca ao extermínio dos mortais. (AGOSTINHO, 2000, p.1348)

Além disso, o simbolismo das duas cidades encontra seu alicerce na antiga Babilônia como símbolos de sociedades marcadas pela decadência moral e espiritual. Ambas são apresentadas como impérios poderosos que, embora tenham experimentado inicialmente um aparente progresso social, eventualmente naufragaram devido aos alicerces edificadas sobre a areia do orgulho humano e da busca desordenada por prazeres temporais. “Esta cidade, a que se chamou confusão, é a própria babilônia”. (AGOSTINHO, 1996, p.1462)

A passagem aludida por Agostinho encontra-se em Jeremias capítulo 29:7 que diz: "E procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz." Ela refere-se ao conselho do profeta Jeremias ao antigo povo de Deus, incentivando-os a orar pela cidade de Babilônia, mesmo durante o período de cativo. A orientação de Jeremias revela uma perspectiva intrigante sobre a relação entre o destino do povo de Deus e o bem-estar da cidade que os havia conquistado. O profeta sugere que ao procurarem a paz e prosperidade da cidade em que estão temporariamente exilados, os cativos também alcançarão sua própria paz. Dessa forma, Jeremias implica que o segredo para o sucesso de um império reside no temor ao Senhor.

Portanto, a comparação entre Roma e a antiga Babilônia reflete a convicção de Agostinho de que os impérios terrenos, quando fundamentados em valores seculares e afastados dos princípios divinos, estão destinados a experimentar a decadência e a injustiça. Ele utiliza essas analogias para enfatizar a importância da submissão a Deus como fundamento essencial para a estabilidade e justiça em qualquer sociedade. O papel dos cristãos é esforçar-se para promover a paz enquanto vivem nesta terra, já que por um pouco



de tempo terão que suportar as provações passageiras desta vida. (AGOSTINHO, 2000. p.1961)

Essa abordagem está em sintonia com a dualidade subjacente à concepção agostiniana das "duas cidades": A Cidade de Deus, representando a busca espiritual e virtude, e a Cidade Diabólica, caracterizada pela busca indiscriminada por prazeres mundanos. (DOUGHERTY, 2001, p.266). Nesse contexto, tanto Roma quanto a antiga Babilônia simbolizam, para Agostinho, as consequências da decadência moral e espiritual quando as sociedades se afastam dos princípios divinos. Essa comparação ressalta a importância de manter a integridade espiritual para garantir a estabilidade e prosperidade de qualquer sociedade.

A coexistência das duas cidades reside no fato de ambas estarem presentes na Terra ao mesmo tempo. O Doutor da Graça reconhece que, enquanto os cristãos vivem em um mundo material e interagem com a sociedade terrena, a verdadeira lealdade deles deve ser A Cidade de Deus. Ele argumenta que, apesar de compartilharem o mesmo espaço físico, os cidadãos das duas cidades possuem orientações e objetivos diferentes. Deste modo, a coexistência é uma coabitação física, mas a verdadeira lealdade dos cristãos é A Cidade de Deus, enquanto eles buscam viver retamente e influenciar positivamente a sociedade terrena.

“De facto, estas duas cidades estão mutuamente entrelaçadas e mescladas uma na outra neste século, até que no último juízo serão separadas”. (AGOSTINHO,1996, p.191)

Assim sendo, Agostinho termina aqui o início de sua apologética histórica, seguindo-se por mais 12 livros.

Nos dez livros precedentes respondemos, como nos foi possível com a ajuda de nosso Senhor e Rei, aos inimigos da Cidade Santa. Agora, — sabendo o que de mim esperam doravante e recordado do meu compromisso, sempre com confiança no auxílio do mesmo Senhor e Rei nosso — , vou tratar de expor a origem, o desenvolvimento e os fins destas duas cidades, a terrena e a celeste, que estão, como disse, interligadas e de certo modo misturadas uma na outra no século presente. (AGOSTINHO, 2000, p. 988)

Nos livros X a XXII o autor mergulha nas complexidades teológicas e filosóficas que permeiam a relação entre Deus e a humanidade. Ele explora a providência divina na história humana, abordando questões cruciais como o livre-arbítrio, a ressurreição dos mortos, o papel do diabo e a predestinação.

E por isso, do mau uso do livre arbítrio saiu esta série de calamidades que, por um encadeamento de desgraças, conduziu o gênero humano, pervertido desde a origem e como que corrompido na raiz, até ao flagelo da segunda morte que não tem fim, à exceção apenas daqueles que pela graça de Deus se libertarem. (AGOSTINHO, 2000, p. 1187)



Na frase mencionada, o Santo de Hipona está argumentando que o livre-arbítrio foi mal utilizado pelos seres humanos, resultando em uma série de desventuras. Ele acredita que a má utilização do livre-arbítrio teve um efeito prejudicial desde o início, corrompendo a humanidade na raiz. Esse mau uso do livre-arbítrio, segundo ele, levaria a humanidade a uma cadeia de misérias que, por sua vez, culminaria na "morte segunda", uma referência à condenação eterna, a menos que a graça de Deus salvasse alguns.

Para Agostinho, o pecado original transmitiu uma inclinação para o mal à humanidade, conhecida como "concupiscência" (um desejo desordenado). Isso implicou em uma incapacidade inata da vontade humana em escolher o bem de maneira perfeita e autônoma. Agostinho argumentou que a vontade humana, após a queda, ficou cativa do pecado e da concupiscência, tornando-se incapaz de escolher o bem sem a intervenção da graça divina.

Tendo em vista que o Bispo de Hipona escreveu "De Civitate Dei" como uma resposta aos eventos catastróficos que ocorreram em Roma em 410, o autor argumenta que Roma caiu devido à corrupção moral, à injustiça e à busca desenfreada pelo poder e pela glória terrenos.

Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus — a terrestre; o amor de Deus até ao desprezo de si — a celeste. Aquela glorifica-se em si própria — está no Senhor; aquela solicita dos homens a glória — a maior glória desta consiste em ter Deus como testemunha da sua consciência; aquela na sua glória levanta a cabeça — está diz ao seu Deus: Tu és a minha glória, tu levantas a minha cabeça. (AGOSTINHO, 2000, p.1319)

Agostinho descreve a Cidade de Deus como a comunidade dos fiéis, que buscam uma vida de acordo com os ensinamentos cristãos e colocam sua confiança em Deus. A busca por agradar ao Senhor é o cerne dessa comunidade. Aqui, a caridade e a obediência mútua entre superiores e súditos são destacadas como elementos cruciais. Os que pertencem à "cidade celestial" são um grupo composto pelos fiéis que seguem a fé cristã e buscam viver de acordo com os ensinamentos de Deus. Para Agostinho, este é o verdadeiro povo redimido por Cristo e destinado à vida eterna.

"Formam, portanto, também eles, um povo, cujos cidadãos se recrutam em todas as cidades terrestres e cuja sede mística pode ser chamada Cidade de Deus (GILSON, 1995, p.157)

Em contrapartida, Santo Agostinho apresenta uma perspectiva desfavorável àqueles que dão prioridade a valores materiais, poder e sabedoria terrena. Ele destaca que os indivíduos poderosos da "civitate diaboli" (cidade terrena) caem na armadilha da soberba,



mesmo ao ostentar pretensa sabedoria. Segundo Agostinho, essas pessoas tornam-se tolas ao trocar a adoração ao Deus incorruptível por ídolos que representam seres corruptíveis.

Ao expressar uma crítica incisiva ao paganismo, o teólogo de Hipona refuta a ideia de que os deuses pagãos possam influenciar, positiva ou negativamente, o destino de uma cidade terrena. Agostinho fundamenta sua crítica na convicção de que a verdadeira trajetória da história e o destino das cidades estão intrinsecamente ligados à vontade divina. Para ele, a orientação correta das civilizações e o desenrolar dos eventos estão determinados pela soberania e direção providencial de Deus. Portanto, Agostinho argumenta que a busca por valores terrenos e a adoração a deuses corruptíveis levam a um caminho equivocado, enquanto a submissão à vontade divina é crucial para a verdadeira compreensão e direção da história. (BROWN, 2005, p. 375)

O autor expressa desaprovação por aqueles que, apesar de terem a capacidade de conhecer a Deus, escolhem não glorificá-Lo, perdendo-se em pensamentos fúteis e obscurecendo seus corações.

(...) aquela ama a sua própria força nos seus potentados — esta diz ao seu Deus: Amar-te-ei, Senhor, minha fortaleza; por isso, naquela, os sábios vivem como ao homem apraz ao procurarem os bens do corpo, ou da alma, ou dos dois: e os que puderam conhecer a Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe prestaram graças, mas perderam-se nos seus vãos pensamentos e obscureceram o seu coração insensato. Gabaram-se de serem sábios (isto é, exaltando-se na sua sabedoria sob o império do orgulho) tornaram-se loucos — e substituíram a glória de Deus incorruptível por imagens representando o homem corruptível, aves, quadrúpedes e serpentes 4, (porque à adoração de tais ídolos conduziram os povos ou nisso os seguiram) e veneraram e prestaram culto a criaturas em vez de ao Criador que é bendito para sempre (AGOSTINHO, 2000, p.1319)

A acusação é de que essas pessoas, ao escolherem adorar criaturas em vez do Criador, desviam-se do caminho da verdadeira adoração e se envolvem em práticas idolátricas e grosseiras. O trecho destaca a crítica à decadência espiritual associada à busca excessiva por poder, prazeres mundanos e idolatria na "Cidade Terrena".

O autor argumenta que a verdadeira felicidade e salvação não podem ser encontradas nas riquezas e no poder político, mas sim em uma relação correta com Deus e uma vida moralmente justa.

Os santos nada perdem quando perdem as coisas temporais. Depois de teres pensado nestas coisas e as teres examinado maduramente, repara se aos homens crentes e piedosos algum mal acontece que se lhes não converta em bem — a não ser que se julgue falha de sentido esta afirmação do Apóstolo: Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus.

Perderam tudo o que tinham. Perderam porém a fé? Perderam a sua religião? Perderam os bens do homem interior que, perante Deus, é rico? São estas as riquezas de Cristo com as quais o Apóstolo se considerava



opulento. (...) Portanto aqueles que na dita devastação perderam as riquezas terrenas, se as possuísem como o ouviram àquele que fora pobre por fora e rico por dentro, isto é, se fizessem uso do mundo como se dele não fossem utentes, bem poderiam dizer o mesmo que ele, tão gravemente tentado mas nunca vencido: Nu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei à terra. O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou. Aconteceu como ao Senhor aprouve. Seja bendito o nome do Senhor. Como bom servo tinha por grande riqueza a vontade do Senhor; seguindo-O passo a passo, tomava-se rico em espírito e não se contristava ao abandonar em vida o que depressa deixaria ao morrer. (AGOSTINHO, 1996, pp.125-126)

Agostinho argumenta que a felicidade terrena, baseada em prazeres mundanos e apegos materiais, é ilusória e passageira. Ele vê esses prazeres como incapazes de satisfazer verdadeiramente o anseio humano por plenitude e significado. Em vez disso, ele enfatiza a importância de buscar a felicidade em Deus, que é a fonte de toda bondade, verdade e beleza.

“(...) a felicidade reside nos bens espirituais e imortais, muito melhores e mais firmes, especialmente próprios dos bons e não comuns-aos bons e aos maus” (AGOSTINHO, 2000, p.1407)

Infere-se, portanto, que a humanidade está em um estado de pecado e separação de Deus devido ao pecado original e à busca desenfreada de poder e glória terrenos. Sendo assim, a salvação da alma é alcançada através da graça divina e da fé em Jesus Cristo. Esta graça é capaz de transformar e redimir a natureza humana, oferecendo a possibilidade de reconciliação com Deus.

Dito isto, a partir da análise de sua obra, é possível inferir que a teoria das duas cidades de Agostinho é uma reflexão profunda sobre as escolhas humanas e suas consequências. Assim sendo, o direcionamento do amor humano molda não apenas a vida individual, mas também a construção de comunidades e sociedades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra "A Cidade de Deus" de Santo Agostinho destaca-se como uma obra seminal, pois transcende a mera narrativa histórica, oferecendo uma profunda reflexão teológica e filosófica sobre o Saque de Roma. Além de tratar da era imediata, a obra fornece uma perspectiva atemporal sobre a relação entre as ações humanas, a condição moral e o desígnio divino.

Ao abordar assuntos históricos, Agostinho não se limita a explicar os eventos em termos políticos ou sociais. Pelo contrário, propõe uma interpretação que vai além da superfície dos acontecimentos, buscando entender as razões subjacentes às experiências



humanas. Sendo assim, requer uma análise não apenas das circunstâncias externas, mas também das motivações e inclinações internas que impulsionam a humanidade.

A dualidade das cidades, terrena e celestial, delineada na obra, lança luz sobre os conflitos fundamentais que moldam não apenas o destino de Roma, mas a trajetória da humanidade como um todo.

Assim, "A Cidade de Deus" permanece como um farol intelectual, iluminando não apenas os eventos históricos específicos, mas a essência da experiência humana e seu eterno anseio por significado e redenção.

4. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Aurélio. **A Cidade de Deus**. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

AGOSTINHO, Aurélio. **A Cidade de Deus**. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

AGOSTINHO, Santo (Aurelius Augustinus Hipponensis). Confissões. Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2018. BROWN, Peter. **Santo Agostinho: Uma biografia**. 2a ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida Corrigida Fiel**. Brasília: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BROWN, Peter. **O Fim do Mundo Clássico: de Marco Aurélio a Maomé**. Lisboa: Verbo, 1972.

DAUWE, Fabiano. **História medieval** Thiago Juliano Sayão; Itamar Siebert. Indaial: Uniasselvi, 2013.

DOUGHERTY, Richard J. **Caída de Roma**. In: FITZGERALD, Allan (ed.). Diccionario de San Agustín. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 200-202.



DROBNER Hubertus R. **Agostinho de Hipona**. In: Manual de Patrologia. Tradução Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. Editora Vozes Petrópolis-RJ. 2003.

FIGUEIRA, Carlos Augusto Ferreira. **História medieval**. v. 1 / Carlos Augusto Ferreira Figueira, João Cerineu Leite de Carvalho, Paulo André Leira Parente, Renata Rozental Sancovsky. 2. ed. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Tradução e notas suplementares José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2007.

GILSON, E. **Evolução da Cidade de Deus**. São Paulo: Herder, 1965.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUERRAS, Maria Sonsoles; CRUZ, Marcos Silva da. **A busca de explicações do saque de Roma por Alarico em 410 d. C.** Dimensões, Vitória, nº04, p.123-133, 1995.

GUERRAS, Maria Sonsoles. **Os povos bárbaros**. São Paulo: Ática, 1991.

GUERRAS, Maria Sonsoles. **Os povos bárbaros**. São Paulo: Ática, 1994. (Col. Princípios, 126).

HAMMAN, A. G. **Santo Agostinho e seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 1989.

HIPONA, A. **Confissões**. São Paulo: Princípios, 2019.

LEÃO, Emanuel Carneiro. **Fé Cristã e História**. In: AGOSTINHO. A Cidade de Deus. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.



MATTHEWS, G. B. **Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios.** São Paulo: Abril, 1972.

PEREIRA, J. Dias. Prefácio e notas bibliográficas. In: AGOSTINHO, Aurélio. **A cidade de Deus.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural** – 3. ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PESSANHA, José Américo Motta. **Coleção Os pensadores: Santo Agostinho**, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: Textos e Testemunhas.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

POHL, Walter. **Conceptions of ethnicity in early medieval studies.** In: LITTLE, Lester K.; ROSENWEIN, Barbara H. *Debating the Middle Ages: issues and readings.* Oxford: Blackwell, 1998.

Contatos: magnagabrielacd@gmail.com e gerson.moraes@mackenzie.br